

Dauvé versus Marx - Mike Harman

Link: <https://libcom.org/article/dauve-versus-marx>

Marx

O argumento central de Dauvé é expresso da seguinte forma:

Dar primazia à escravidão e à subordinação da mulher não é documentado por fatos. A escravidão desempenhou um papel indispensável na ascensão do capitalismo entre os séculos XVI e XVIII, mas sua importância começou a declinar com a industrialização em larga escala e a Inglaterra, líder da revolução industrial, foi um dos principais países abolicionistas, primeiro do comércio de escravos e depois da própria escravidão. Várias formas de escravidão existem no século XXI, mas há muito tempo deixaram de ser vitais para a economia capitalista.

Imediatamente, Dauvé entra em conflito tanto com os fatos quanto com Marx. Este ensaio não é uma resenha de Federici ou um litígio entre Dauvé e Federici, mas usa as declarações de Dauvé aqui e em outros lugares para mantê-lo à altura dos padrões de "fatos" e "Marx" que ele emprega na resenha.

Vamos tratar de Marx primeiro, já que é o mais curto dos dois.

Em geral, quando alguém invoca "Marx" como autoridade, é importante fazer as seguintes perguntas:

- Marx realmente disse o que está sendo alegado? E isso faz sentido no contexto?
- Marx mudou ou esclareceu sua posição em outras obras?
- Marx estava correto?
- Quais são as implicações disso para o presente?

Marx discutiu a escravidão clássica como um sistema de classe pré-feudal e mencionou a escravidão do Novo Mundo como essencial para o mercado mundial, mas não tratou de nenhum dos assuntos em profundidade. No entanto, apesar desse relato fragmentário e incompleto, espalhado por décadas de trabalho, existe, no entanto, a base

de uma compreensão da centralidade da escravidão para o capitalismo do século XIX, e não apenas do século XVII e XVIII: Em *O Capital*¹:

Enquanto a indústria do algodão introduziu a escravidão infantil na Inglaterra, nos Estados Unidos ela deu um **estímulo** à transformação da escravidão anterior, mais ou menos patriarcal, em um sistema de exploração comercial. De fato, a escravidão velada dos trabalhadores assalariados na Europa **precisava**, para seu pedestal, da escravidão pura e simples no novo mundo. (grifo nosso)

E em *The Poverty of Philosophy*, 20 anos antes,²:

A escravidão direta é **o pivô da indústria burguesa tanto quanto o maquinário**, os créditos etc. Sem escravidão, não há algodão; sem algodão, não há indústria moderna. Foi a escravidão que deu às colônias seu valor; foram as colônias que criaram o comércio mundial, e é o comércio mundial que é a pré-condição da indústria de larga escala. **Portanto, a escravidão é uma categoria econômica da maior importância.**

Nesses dois fragmentos há duas afirmações muito importantes, que investigaremos mais a fundo:

Que a indústria do algodão na Inglaterra resultou na transformação da escravidão no sul dos EUA de um sistema "patriarcal" em um sistema "comercial".

Que a escravidão era essencial para a indústria do algodão e que a mecanização não poderia ter prosseguido sem ela.

Marx, em *O Capital*, concentrou-se em um capitalismo abstrato "ideal" para sua exposição teórica central das categorias de capital, trabalho assalariado, valor de uso, valor de troca e mais-valia. *O Capital*, como *crítica da economia política*, deveria mostrar como mesmo o trabalho assalariado formalmente livre ainda era explorado, que a mais-valia era a fonte de lucro e que a "liberdade" dos proletários era ilusória. No entanto, embora a escravidão possa ter sido excluída da análise reduzida, ela não foi excluída do entendimento de Marx sobre o capitalismo como um sistema histórico mundial, embora tenha sido pouco enfatizada e pouco teorizada.

¹ *Capital*, Volume 1, Capítulo 31, 1867

² <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/poverty-philosophy/ch02.htm>

Mais tarde, Marx também foi extremamente claro ao afirmar que sua exposição em *O Capital* e o que foi posteriormente canonizado como "Materialismo Histórico", com a transição do feudalismo para o capitalismo e para o comunismo, se aplicavam apenas aos países da Europa Ocidental e não deveriam ser usados como um modelo para o curso do desenvolvimento capitalista (ou transição para o comunismo) em outros lugares. Infelizmente, as advertências de Marx nesse sentido estavam contidas principalmente em cartas³, como a que ele escreveu para os editores da revista russa *Otecestvenniye Zapisky* em 1887.

Citamos esse trecho em detalhes, porque Marx também poderia estar falando sobre a noção extremamente limitada de Dauvé da acumulação primitiva:

O capítulo sobre acumulação primitiva não pretende fazer mais do que traçar o caminho pelo qual, na Europa Ocidental, a ordem econômica capitalista emergiu do ventre da ordem econômica feudal. Portanto, ele descreve o movimento histórico que, ao separar os produtores de seus meios de produção, converte-os em assalariados (proletários no sentido moderno da palavra), enquanto converte em capitalistas aqueles que detêm a posse dos meios de produção. Nessa história, "todas as revoluções são épicas e servem como alavancas para o avanço da classe capitalista em formação; acima de tudo, aquelas que, depois de despojar grandes massas de homens de seus meios tradicionais de produção e subsistência, lançam-nas subitamente no mercado de trabalho. Mas a base de todo esse desenvolvimento é a expropriação dos cultivadores.

"Isso ainda não foi radicalmente realizado, exceto na Inglaterra...., mas todos os países da Europa Ocidental estão passando pelo mesmo movimento", etc. (*Capital*, edição francesa, 1879, p. 315).

Ele se sente obrigado a metamorfosear meu esboço histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica do *marche generale* [caminho geral] imposto pelo destino a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas em que se encontram, para que possam finalmente chegar à forma de economia que garantirá, juntamente com a maior expansão dos poderes produtivos do trabalho social, o mais completo

³ Veja a correspondência de Zasulich:
<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/reply.htm>

desenvolvimento do homem. Mas eu lhe peço perdão. (Ele está me honrando e me envergonhando demais).

Ao situar a escravidão nos séculos XVI e XVII como "indispensável" e vincular a industrialização, especialmente na Inglaterra, à abolição da escravidão, Dauvé sugere uma periodização do capitalismo em que a escravidão e a violência da acumulação primitiva são deslocadas pelo sistema fabril para o trabalho proletário livre. Já mostramos que Marx não defendia essa posição - ele acreditava que o capitalismo havia substituído completamente a escravidão e a servidão *na Europa*, enquanto a escravidão no resto do mundo era essencial para o capitalismo.

Algodão

Depois de consultar Marx, podemos agora comparar os fatos de Dauvés com o registro histórico ainda em desenvolvimento da escravidão.

Dauvé dá o exemplo da indústria indiana de algodão sendo substituída por fábricas têxteis no norte da Inglaterra:

No século XVII, os custos de mão de obra nas fábricas de algodão indianas eram estimados em 1/7 do que eram na Europa. [Mais tarde, em meados do século XIX, metade dos produtos de algodão produzidos no mundo era fabricada no norte da Inglaterra [...]. Enquanto isso, "os ossos dos tecelões de algodão [estavam] branqueando as planícies da Índia".

O que aconteceu em dois séculos? Como os burgueses ingleses conseguiram mudar o equilíbrio de poder? Em poucas palavras, diminuindo o custo da mão de obra em seu próprio país, fabricando os mesmos artigos de forma muito mais barata. Mesmo em termos militares, a superioridade europeia só se tornou efetiva no século XIX porque o Ocidente estava se beneficiando de melhores soldados e armamentos devido à revolução industrial e ao trabalho assalariado moderno. A capacidade destrutiva da metralhadora era semelhante à do tear mecânico. A história não é monocausal, mas a força motriz da ascensão de alguns países foi sua capacidade de colocar milhões de pessoas em trabalho produtivo.

Sem dúvida, é verdade que o tear elétrico, inventado em 1785 e com 250.000 em uso apenas na Inglaterra em 1850, deslocou a produção artesanal de têxteis, levando à

rápida urbanização do Reino Unido e à destruição da indústria têxtil indiana. Entretanto, essa é apenas uma história parcial que obscurece duas tendências centrais.



- trabalho infantil em uma fábrica de algodão na Carolina do Norte, 1908

Embora o algodão possa ser fiado em um tear manual ou mecânico, ele só pode ser cultivado em um campo e não pode ser cultivado nas Ilhas Britânicas. Os importadores de têxteis britânicos não trocaram simplesmente os tecidos indianos acabados pelo algodão indiano cru; em vez disso, o algodão veio do sul dos EUA⁴. Isso se deveu, em parte, à melhor adequação do algodão americano à usinagem e, em parte, ao baixo custo da mão de obra escrava americana:

Whitney [inventor do descaroçador de algodão] recebe o crédito por ter desencadeado a explosão da produção americana de algodão que, por sua vez, foi impulsionada pelo apetite aparentemente insaciável por algodão das fábricas britânicas de tecidos de algodão.

[...]

A produção americana de algodão aumentou de 156.000 fardos em 1800 para mais de 4.000.000 de fardos em 1860

⁴ <http://mshistorynow.mdah.state.ms.us/articles/161/cotton-in-a-global-economy-mississippi-1800-1860>

[...]

O boom do algodão, no entanto, foi a principal causa do aumento da demanda por escravos - o número de escravos na América cresceu de 700.000 em 1790 para 4.000.000 em 1860.

A demanda por algodão não se limitou apenas aos EUA, mas também aumentou a demanda por escravidão no Brasil, escreve Cedric Robinson em *Black Marxism*:

Uma segunda causa para o aumento do número de escravos no Brasil do início do século XIX foi o rápido crescimento da economia da região durante esse período. Nesse aspecto, o Brasil estava respondendo às forças políticas, econômicas e financeiras do mercado mundial. Em sua base, o surto na economia brasileira foi uma consequência da demanda do mercado por açúcar e algodão: "As Guerras Revolucionárias Americanas, as Guerras Revolucionárias Francesas, as Guerras Napoleônicas e, não menos importante, a sangrenta revolta na ilha açucareira caribenha de St.

[...]

Eric Williams relatou: "Dizia-se que sete décimos das mercadorias usadas pelo Brasil para a compra de escravos eram manufaturas britânicas, e sussurrava-se que os britânicos estavam relutantes em destruir os barracões na costa porque, dessa forma, destruiriam os Calicoes britânicos. Em 1845, Peel se recusou a negar o fato de que os súditos britânicos estavam envolvidos no comércio de escravos.

A Inglaterra proibiu o comércio de escravos em 1807. Entretanto, como vimos acima, isso não reduziu o número de escravos nos Estados Unidos. Além da operação contínua dos navios negreiros espanhóis e portugueses, e do papel contínuo da Grã-Bretanha na construção e no equipamento de navios negreiros após 1807, os Estados Unidos conseguiram aumentar sua população de escravos de 700.000 para 4.000.000 entre 1790 e 1860. A expansão da escravidão também ocorreu em conjunto com a expansão geográfica dos estados proprietários de escravos durante essas décadas, à medida que os Estados Unidos se expandiam para o oeste por meio do genocídio dos nativos americanos, desde a Compra da Louisiana em 1803, passando pela Segunda Guerra Seminole, até a Trilha das Lágrimas em 1838.

Portanto, em vez de o desenvolvimento tecnológico europeu simplesmente deslocar o trabalho artesanal e a escravidão por meio do aumento da produtividade, podemos ver que a escravidão americana se expandiu rapidamente durante esse período como consequência direta da revolução industrial. Ou, em outras palavras, se a industrialização do século XIX foi o início do fim da escravidão, foi apenas no sentido de que a detonação é o início do fim de uma bomba.

Abolição

Se o desenvolvimento tecnológico e o deslocamento pelo trabalho assalariado não explicam a abolição, então o que explica?

Em 1793, os escravos do Haiti iniciaram uma insurreição de treze anos que terminou com a independência da colônia mais rica do Caribe da França, após a derrota de mais de 100.000 soldados franceses. Como CLR James documentou meticulosamente em *Black Jacobins*, os britânicos enviaram 20.000 soldados próprios (milhares dos quais morreram de febre amarela) na tentativa de capturar a colônia e restaurar a escravidão por um período de vários anos, finalmente se retirando derrotados em 1798. O exemplo do Haiti levou à paranoia entre a classe dos fazendeiros⁵, e inspirou uma verdadeira revolta entre os escravos, em todo o Caribe e nos Estados Unidos⁶, e a abolição do comércio de escravos pela Grã-Bretanha pode ser vista como uma resposta à ameaça contínua de insurreição dos escravos e aos seus interesses geopolíticos contra outras potências coloniais, que em 1807 eram compradores significativos de escravos dos escravagistas britânicos.

Mais tarde, com a abolição da escravidão no Império Britânico em 1834, isso também se seguiu a grandes insurreições no Caribe. Em 1823, houve uma rebelião de 10.000 escravos em Demerara (atual Guiana). Em 1831/2, até 60.000 escravos se revoltaram na Jamaica na Rebelião Batista. Notavelmente, as colônias caribenhas da Grã-Bretanha estavam envolvidas principalmente na produção de açúcar, não de algodão, deixando o setor têxtil inalterado.

⁵ Por exemplo, Thomas Jefferson, em uma carta de 1799 a James Madison, escreveu: "Se essa combustão puder ser introduzida entre nós sob qualquer disfarce, temos que temê-la" <https://www.monticello.org/site/research-and-collections/st-domingue-haiti>

⁶ Denmark Vesey, o líder de uma rebelião abortada em Charleston, pode ter entrado em contato com o Haiti para pedir ajuda em 1822

Quando a tecnologia deslocou especificamente a cana-de-açúcar, não foi a mecanização, mas o desenvolvimento da beterraba sacarina - a beterraba podia ser cultivada na Europa e na América do Norte por trabalhadores agrícolas assalariados. O cultivo generalizado de beterraba sacarina foi impulsionado pela revolução haitiana, quando o fluxo de cana-de-açúcar para a Europa foi quase totalmente suprimido, levando Napoleão a investir no desenvolvimento do cultivo comercial de beterraba sacarina⁷. Cedric Robinson mencionou que, na virada do século XIX, a principal plantação de açúcar da Grã-Bretanha no Caribe, a Jamaica, estava sofrendo com o esgotamento do solo devido ao cultivo intensivo, o que levou a uma mudança de foco da Jamaica para Barbados e Guiana.

Podemos, portanto, considerar a abolição britânica no Caribe como restrita a um uso específico da escravidão (para a produção de cana-de-açúcar) que não era essencial para a economia britânica em meados da década de 1830 e que estava sofrendo com grandes revoltas em estreita proximidade geográfica com o Haiti. A dependência econômica da Grã-Bretanha em relação à escravidão ainda estava aumentando durante esse período devido à indústria do algodão, mas em um nível diferente por meio dos EUA e do Brasil.

Devemos lembrar também que a Lei de Emancipação de 1834 não aboliu de fato a escravidão em todo o Império, mas apenas no Caribe⁸.

A abolição no Caribe também não resultou imediatamente em liberdade para a maioria dos escravos, mas em um novo sistema de trabalho forçado sob o sistema de aprendizes. Os fazendeiros foram indenizados com o equivalente a 17 bilhões de libras

⁷ <http://www.bbc.co.uk/history/0/20311399>

⁸ De acordo com Sherwood, a Lei de Emancipação Britânica de 1834 foi igualmente insatisfatória. Ela acabou com a escravidão apenas no Caribe, não no resto do Império Britânico. A escravidão só se tornou ilegal na Índia em 1848, na Costa do Ouro em 1874 e na Nigéria em 1901. No final do século XIX, os soldados e policiais coloniais na África eram, muitas vezes, eles próprios escravos. Mesmo depois de ter sido oficialmente proibida, a escravidão continuou sob outros nomes, como serviço contratado ou trabalho forçado. Em 1948, as autoridades coloniais reconheceram, em particular, que a escravidão doméstica existia no norte de Gana. Igualmente condenável é o fato de que, após 1834, os investimentos britânicos continuaram em lugares onde a escravidão permaneceu legal, como Cuba e Brasil. Na década de 1840, 20% das importações britânicas de açúcar vinham de Cuba. Comerciantes e banqueiros britânicos viviam em Cuba e ajudavam a financiar o comércio. Os cônsules britânicos, ou suas famílias, até possuíam escravos. Da mesma forma, as minas e plantações brasileiras que dependiam do trabalho escravo eram financiadas pelo capital britânico. Em 1860, as importações britânicas do Brasil valiam 4,5 milhões de libras por ano (99 milhões de libras em 2005). [MH - a escravidão não foi abolida no Brasil até o final da década de 1880].

<http://origins.osu.edu/review/after-abolition-britain-and-slave-trade-1807>

esterlinas⁹ pela perda de seus escravos e, em seguida, os escravos foram obrigados a trabalhar para seus antigos proprietários por vários anos antes da liberdade real, por salários baixos e ainda sujeitos a açoites como punição pela recusa ao trabalho. A ameaça de novas rebeliões de escravos recém-libertados contra o sistema de aprendizes levou ao colapso precoce do sistema de aprendizes em 1838.

Em vez disso, estima-se que cerca de 3,7 milhões de súditos coloniais tenham se envolvido em várias formas de trabalho contratado por meio de dois sistemas específicos diferentes de trabalho contratado entre meados da década de 1830 e o início da década de 1920¹⁰.

Esses dois sistemas não incluem todos os principais sistemas de trabalho forçado/contratado internacionalmente na época. Por exemplo, a peonagem por dívida no México, tema da série Jungle Novels do comunista do conselho B. Traven, só foi abolida durante a revolução mexicana do início do século XX.

A Guerra Civil

Da mesma forma, a abolição da escravidão nos EUA não foi um ato de benevolência nem economicamente predestinado, mas o resultado de uma guerra civil.

Embora as previsões geopolíticas de Marx fossem muitas vezes falhas, fica claro em seus escritos sobre a Guerra Civil que ele não previu uma vitória inevitável para o Norte devido ao seu sistema econômico superior. Além disso, Marx previu que a vitória da plantocracia resultaria não apenas na manutenção da escravidão, mas em sua *expansão* para o norte¹¹.

9

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/feb/12/treasury-tweet-slavery-compensate-slave-owners>

¹⁰ A migração, entre meados da década de 1830 e o início da década de 1920, de mais de 2,2 milhões de africanos, chineses, indianos, japoneses, javaneses, melanésios e outros súditos coloniais que trabalhavam com contratos escritos de longo prazo teve um impacto profundo na vida social, econômica, cultural e política em muitas partes do mundo das plantações coloniais do século XIX e início do século XX. [...] Outros 1,5 milhão de indianos migraram para o Ceilão (Sri Lanka) e para a Malásia para trabalhar como trabalhadores em plantações de café e borracha, com contratos orais de curto prazo, sob o que é comumente conhecido como sistema kangani ou maistry, e na Índia para atender à demanda de mão de obra nas plantações de chá de Assam. <http://asianhistory.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190277727.001.0001/acrefore-9780190277727-e-33>

¹¹ <https://www.marxistsfr.org/archive/marx/works/1861/11/07.htm>

A guerra da Confederação do Sul não é, portanto, uma guerra de defesa, mas uma guerra de conquista, uma guerra de conquista para a disseminação e perpetuação da escravidão.

O que de fato ocorreria não seria uma dissolução da União, mas uma reorganização dela, uma reorganização com base na escravidão, sob o controle reconhecido da oligarquia escravagista.[...] O sistema escravagista infectaria toda a União. Nos estados do Norte, onde a escravidão negra é, na prática, impraticável, a classe trabalhadora branca seria gradualmente forçada a descer ao nível do helotismo. Isso estaria totalmente de acordo com o princípio, proclamado em alto e bom som, de que apenas certas raças são capazes de ter liberdade, e assim como o trabalho real é o destino do negro no Sul, no Norte é o destino do alemão e do irlandês, ou de seus descendentes diretos.

A atual luta entre o Sul e o Norte não passa, portanto, de uma luta entre dois sistemas sociais, o sistema de escravidão e o sistema de trabalho livre. A luta foi deflagrada porque os dois sistemas não podem mais viver pacificamente lado a lado no continente norte-americano. Ela só pode ser encerrada com a vitória de um sistema ou do outro.

A lei do escravo fugitivo de 1850 foi um exemplo da confederação expandindo o sistema de escravidão para o norte, uma década antes de Marx escrever essa passagem, portanto, não foi sem justificativa. Essa lei tornou crime no Norte ajudar qualquer escravo fugitivo sob pena de morte, permitindo que toda uma indústria de captura de escravos (às vezes sequestrando americanos negros livres para vendê-los de volta à escravidão, como Samuel Northrup) se expandisse para o norte.

E quando a vitória chegou, como no caso do sistema de aprendizagem no Caribe, a liberdade permaneceu ilusória para muitos ex-escravos.

Após os curtos anos de Reconstrução depois da Guerra Civil, o trabalho forçado dos negros americanos foi reintroduzido por meio da rápida expansão das leis de vadiagem e do sistema de aluguel de condenados¹². O arrendamento de condenados foi usado principalmente em setores extrativistas, e não na agricultura de algodão, com a

12

<https://libcom.org/library/stockade-stood-burning-rebellion-convict-lease-tennessee-s-coalfields-1891-1895>

produção de algodão sendo dominada pela meação em antigas plantações. A colheita compartilhada não era trabalho assalariado gratuito de proletários agrícolas, mas um sistema semi-feudal novamente, em que os meeiros tinham permissão para usar a terra por uma parte da colheita, muitas vezes forçados a níveis extremos de endividamento pelo proprietário da terra. O sistema de meeiros continuou até a década de 1940. A peonagem por dívida no sul pós-bellum, especialmente em campos de madeira, fazendas de vegetais, campos de terebintina e construção de ferrovias, foi um sistema adicional de trabalho forçado separado do arrendamento de condenados e da meação, que continuou até meados do século XX e afetou até um quarto dos trabalhadores rurais do sul¹³.

África

A acumulação primitiva (no sentido da destruição dos modos de produção pré-capitalistas e da desapropriação da terra dos camponeses) foi renovada rapidamente com a "corrida pela África" a partir de 1881. O Estado Livre do Congo, local de notórias atrocidades durante o governo do rei Leopoldo da Bélgica, é um dos exemplos mais famosos desse período. No entanto, o trabalho forçado de vários tipos também foi introduzido nas colônias britânicas, com apropriações de terras no Vale do Rift, no Quênia, impostos sobre cabanas, abate de gado, sistemas de passes, trabalho recrutado - tudo para forçar os agricultores de subsistência e os trabalhadores artesanais a trabalharem como assalariados para os agricultores das plantações¹⁴.

Em 1939, a União Trabalhista da África Oriental enviou um memorando ao governo de Uganda sobre o Relatório da Comissão de Inquérito sobre a Situação Trabalhista no Protetorado de Uganda, entre os itens¹⁵.

3. [...] O Comitê recomenda a formação de uma classe de trabalhadores, inteiramente dependente de salários. [...] Todos esses métodos se baseiam, em última análise, na expulsão da vítima da terra e só são eficazes na medida em que conseguem fazê-lo. O método pelo qual uma classe trabalhadora sem propriedade

¹³

<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/41771/REYNOLDS-DISSERTATION-2013.pdf?sequence=1>

¹⁴ Tabitha Kanogo, *posseiros e as raízes do Mau Mau*

¹⁵ Makhan Singh, *History of Kenya's Trade Union Movement (História do Movimento Sindical do Quênia)*, 1969

foi criada na Grã-Bretanha no século XVIII foi o cercamento dos bens comuns [...] Todos os métodos de criação de uma classe trabalhadora sem propriedade trabalham, no final, em direção a esse modelo clássico. Não precisa haver desapropriação forçada. O mesmo resultado pode ser obtido com o aumento da tributação, com a concessão de monopólios, como o monopólio do descaroçamento, com a restrição dos nativos dentro das reservas, com a falta de controle dos usuários. [...] qual é o sentido de empurrar milhares de toneladas extras de açúcar, sisal ou algodão para um mercado já inundado?

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, o trabalho conscrito entrou em vigor no Quênia, forçando diretamente os trabalhadores africanos a trabalhar nas fazendas dos colonos. Isso foi expandido maciçamente em 1953 sob o Estado de Emergência, onde centenas de milhares de Kikuyu foram colocados em campos de trabalho. O que hoje é o Aeroporto Internacional Jomo Kenyatta foi construído com o trabalho forçado em um desses campos.

Os trabalhadores das colônias, portanto, estavam bem cientes de que as administrações coloniais britânicas estavam conscientemente tentando criar um proletariado por meio da desapropriação e do trabalho forçado até meados do século XX, um século após a abolição.

O objetivo aqui não é equiparar a escravidão de bens móveis e as várias formas de trabalho não livre que se seguiram a ela, mas enfatizar a continuidade de diferentes sistemas violentos de trabalho forçado em todo o mundo durante o período de rápida industrialização e urbanização da Europa e até o século XX. É evidente que a industrialização, além de deslocar os trabalhadores artesanais para as fábricas, também estimulou uma explosão de escravidão e outras formas de trabalho forçado nas plantações internacionais e nas economias extrativistas, que durou bem mais de um século a partir da lei de 1807.

Se olharmos para o capitalismo como um sistema internacional que incorporou e expandiu o trabalho forçado e outros sistemas de violência estatal racializada brutal internacionalmente, ao mesmo tempo em que contou com as liberdades burguesas no país para parte de seu desenvolvimento, isso nos permite começar a reconciliar a concepção de Dauvé sobre o fascismo como uma *tendência do capital* com a concepção

de Césaire sobre o fascismo como técnicas anteriormente reservadas às colônias *aplicadas à Europa*. Não se trata apenas de uma continuidade entre a democracia liberal e o fascismo no país, mas dos campos de concentração durante a Guerra dos Bôeres, no início dos anos 1900, até o trabalho forçado pós-guerra nas colônias britânicas, aplicado primeiro sob o regime trabalhista de Attlee na Malásia e depois sob o regime de Churchill no Quênia.

Qual é o verdadeiro impulso do fascismo, se não a unificação econômica e política do capital, uma tendência que se tornou geral desde 1914?

[...]

A ditadura não é uma arma do capital (como se o capital pudesse substituí-la por outras armas menos brutais): a ditadura é uma de suas tendências, uma tendência realizada sempre que for considerada necessária

- Dauvé, *When Insurrections Die (Quando as insurreições morrem)*

O que ele não pode perdoar a Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem como tal, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o fato de ele ter aplicado à Europa procedimentos colonialistas que até então eram reservados exclusivamente aos árabes da Argélia, aos coolies da Índia e aos negros da África.

- Césaire, *Discourse on Colonialism (Discurso sobre o colonialismo)*

Conclusão

Quais são as implicações disso? Bem, em primeiro lugar, se vamos reivindicar uma concepção materialista da história e invocar Marx, ela deve se basear no registro histórico real e ser honesta sobre o que Marx disse ou não disse sobre as coisas. Em vez disso, Dauvé ignora ambos e extrapola o que Marx disse sobre outra coisa para fazer afirmações que estão mais próximas de um livro didático de história do ensino médio do que de uma investigação séria.

Mas talvez estejamos sendo injustos com Dauvé, já que ele discutiu brevemente a escravidão em outros trabalhos.

Em Human, All Too Human, podemos ver Dauvé colocando o proletário livre contra todas as formas anteriores de trabalho:

Na verdade, mesmo que morressem de excesso de trabalho, o escravo, o servo, o camponês sob o jugo da corveia e do imposto, o artesão e o trabalhador antes da revolução industrial eram explorados ferozmente apenas em uma parte de sua existência, grande parte da qual permanecia fora do controle da classe dominante. A horta do servo não era de interesse do senhor. Os proletários modernos produzem a totalidade da vida material, perdem-na e depois a recebem de volta na forma de mercadoria e espetáculo, e isso assume a forma da circulação global de bens e trabalho. É por essa razão que o capitalismo foi teorizado há cento e cinquenta anos como a realização, se não a conclusão, de uma dupla tendência de universalização da humanidade e sua alienação.

Como vimos, o escravo em uma plantação de algodão ou o peão endividado em um campo de madeira não representava uma forma pré-capitalista de trabalho que o capitalismo deveria abolir; na verdade, esses trabalhadores *já* haviam sido deslocados da terra e integrados ao sistema global de produção capitalista. Mesmo que seu próprio movimento fosse restrito a alguns milhares de metros quadrados por meio da imposição de supervisores, das primeiras forças policiais profissionais e das patrulhas de escravos, as mercadorias que eles produziam eram distribuídas no mercado mundial. O que superficialmente parece ser formas pré-capitalistas de trabalho forçado eram, na verdade, novas formas capitalistas, reinventadas em uma escala industrial internacional e de massa no século XIX e no início do século XX. Muitos dos trabalhadores forçados a deixar a terra no século XIX, embora tecnicamente pudessem estar trabalhando por salários, eram proletários não livres. Além disso, embora isso possa ser verdade para o camponês, a ideia de que os escravos "eram explorados ferozmente apenas em uma parte de sua existência, uma grande parte da qual permanecia fora do controle da classe dominante" está categoricamente errada.

Se analisarmos o Capitalismo e o Comunismo de Dauvé¹⁶, as categorias que ele usa se tornam um pouco mais fluidas:

O escravo é uma mercadoria para seu proprietário, que compra um homem para trabalhar para ele, enquanto o trabalhador assalariado é seu próprio proprietário privado, legalmente livre para escolher para quem trabalhar, pelo menos em princípio e no capitalismo democrático.

¹⁶ <https://libcom.org/library/capitalism-communism-gilles-dauve>

Nessa passagem, Dauvé introduz as inúmeras ressalvas que estão ausentes em sua crítica a Federici. Precisariamos excluir do "capitalismo democrático" todas as colônias até o século XX, inclusive, os Estados Unidos sob Jim Crow, a África do Sul sob o apartheid, a Palestina, e observar as principais exceções atuais aos legalmente livres que estão dentro das sociedades "capitalistas democráticas", como os 3 milhões de prisioneiros nos EUA, os milhões de migrantes e refugiados sem documentos em todo o mundo, como os 4 milhões de bengalis que recentemente se tornaram apátridas em Assam por meio do NRC e, até certo ponto, os migrantes legais que muitas vezes são colocados sob diferentes formas de vistos limitados, como a impossibilidade de deixar seu empregador sem ser deportado. A maioria dessas pessoas é "proletária", mas não está sujeita à "dupla liberdade" de Marx no sentido adequado, pois não é livre para vender sua mão de obra a qualquer comprador¹⁷.

Por que isso é importante? Dauvé, em *Capitalismo e Comunismo*, escreve:

Para as massas despossuídas, a socialização capitalista do mundo cria uma realidade totalmente nova. Diferentemente dos escravos, servos ou artesãos do passado, a "imensa maioria" de trabalhadores assalariados (muitas vezes sem salário, como dissemos) está potencialmente unificada para uma ação coletiva capaz de derrubar o capitalismo e criar uma vida social cooperativa. Esse é o ponto crucial da teoria comunista.

Embora o Haiti e outras rebeliões de escravos tenham sido abordados aqui apenas brevemente, desde o início do capitalismo como sistema mundial houve resistência a ele por parte dos africanos escravizados no Novo Mundo. As comunidades maroon no Suriname, na Jamaica, os seminóis da Flórida e outros tentaram recriar uma versão modificada do sistema de aldeias africanas, além de oferecer refúgio a escravos fugitivos e, no caso da Granny Nanny, na Jamaica, fazer incursões regulares às plantações¹⁸.

¹⁷ Para a conversão de seu dinheiro em capital, portanto, o proprietário do dinheiro deve se encontrar no mercado com o trabalhador livre, livre no duplo sentido de que, como homem livre, ele pode dispor de sua força de trabalho como sua própria mercadoria e que, por outro lado, ele não tem nenhuma outra mercadoria para vender, está carente de tudo o que é necessário para a realização de sua força de trabalho." Marx, *Capital* vol 1, Capítulo 6

¹⁸ <https://libcom.org/history/real-resistance-slavery-north-america>

Essa é uma história de resistência ao capitalismo que se estende até meados do século XIX e que assumiu um caráter muito diferente dos movimentos socialistas nascentes, como os cartistas, mas que foi praticamente excluída dos registros históricos até o surgimento de CLR James e Du Bois na década de 1930¹⁹.

Por outro lado, embora Marx tenha descrito a transição de servos e "escravos" (servos contratados) para trabalhadores assalariados livres na Europa Ocidental como um precursor do capitalismo industrial, ele deixou claro (por exemplo, no Capítulo 33 de O Capital, "A Teoria Moderna da Colonização") que, quando o capital fosse exportado para outro lugar, a relação social e a classe dos trabalhadores assalariados deveriam ser recriadas. Isso se aplica ao trabalho forçado no Império Britânico após a abolição da escravidão, bem como à militarização bolchevique do trabalho após a guerra civil²⁰. Portanto, embora o trabalho assalariado "livre" do proletário possa ser a forma dominante de trabalho no capitalismo avançado, é um erro ver o trabalho forçado como pré-capitalista - ele foi ampla e conscientemente usado pelos capitalistas, muitas vezes pelo próprio Estado britânico, para criar uma classe proletária de trabalhadores assalariados onde o capital foi confrontado com formas de trabalho de subsistência agrária que, de outra forma, teriam resistido a trabalhar por salários, e isso persistiu muito além da primazia inicial do capitalismo industrial na Europa Ocidental.

Como o próprio Dauvé diz em Capitalismo e Comunismo, a unidade do proletariado (definido como aqueles que foram desapropriados) para a ação coletiva existe apenas em *potencial*. Na prática, a classe trabalhadora é dividida - entre assalariados e não assalariados, por raça, nacionalidade, gênero e outros sistemas que agem em oposição à unidade.

A própria definição de proletariado de Dauvé, que se opõe veementemente a todas as definições produtivistas do século XX, é ampla o suficiente para incluir os "proletários não livres" que foram o tema deste ensaio; na verdade, ela poderia

¹⁹ Cedric J. Robinson, Black Marxism, the Making of the Black Radical Tradition, descreve essa história e o processo histórico com bastante profundidade.

²⁰ "O Estado Trabalhista se considera habilitado a enviar cada trabalhador para o local onde seu trabalho é necessário. E nenhum socialista sério começará a negar ao Estado do Trabalho o direito de colocar a mão sobre o trabalhador que se recusa a executar seu dever de trabalho." - Trotsky, Terrorism and Communism [Terrorismo e Comunismo], 1920, Capítulo 8. <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1920/terrcomm/ch08.htm>

descrever o escravo no Haiti de 1790²¹ tanto quanto o trabalhador de call center em Cardiff ou a dona de casa no Kansas.

Se alguém identifica *o proletário* com o *trabalhador da fábrica* (ou com o trabalhador braçal), ou com o pobre, não percebe o que há de subversivo na condição proletária. O proletariado é a negação dessa sociedade. Não é o conjunto dos pobres, mas daqueles que são despossuídos, "sem reservas", que não são nada, não têm nada a perder além de suas correntes e não podem se libertar sem destruir toda a ordem social. O proletariado é a dissolução da sociedade atual, porque essa sociedade priva os proletários de quase todos os seus aspectos positivos: os proletários só recebem sua parte da riqueza material, mental e cultural capitalista em seus aspectos mais pobres. Todas as teorias (burguesas, fascistas, stalinistas, trabalhistas, de esquerda ou de extrema esquerda) que de alguma forma glorificam e elogiam o proletariado como ele é e reivindicam para ele o papel positivo de defender valores e regenerar a sociedade são antirrevolucionárias. Os burgueses esclarecidos até admitem a existência da luta de classes, desde que ela nunca termine, em um jogo de barganha que se autoperpetua entre o trabalho e o capital, em que o proletariado é reduzido ao status de um elemento do capital, uma roda indispensável dentro de um mecanismo inevitável. O burguês não se importa com o trabalhador, desde que ele continue sendo um parceiro.

Definir o proletariado tem muito pouco a ver com sociologia. Na verdade, a maioria dos proletários recebe baixos salários e muitos trabalham na produção, mas sua existência como proletários não decorre do fato de serem produtores mal remunerados, mas de estarem "isolados", alienados, sem controle sobre suas vidas ou sobre o resultado e o significado do que precisam fazer para ganhar a vida. O proletariado, portanto, inclui os desempregados e muitas donas de casa, já que o capitalismo contrata e demite os primeiros e utiliza o trabalho das segundas para aumentar a massa total de valor extraído. O proletariado é o que reproduz o valor e pode acabar com um mundo baseado no valor. Sem a possibilidade de comunismo, as teorias sobre "o proletariado" seriam equivalentes à metafísica. Nossa única

²¹ "Os escravos trabalhavam na terra e, como os camponeses revolucionários de todos os lugares, tinham como objetivo o extermínio de seus opressores. Mas trabalhando e vivendo juntos em bandos de centenas de pessoas nas enormes usinas de açúcar que cobriam a Planície do Norte, eles estavam mais próximos de um proletariado moderno do que qualquer outro grupo de trabalhadores existente na época, e o levante foi, portanto, um movimento de massa completamente preparado e organizado." - CLR James - Os Jacobinos Negros

justificativa é que, sempre que interrompeu de forma autônoma o funcionamento da sociedade, o proletariado agiu repetidamente como negação da ordem existente das coisas, não lhe ofereceu nenhum valor ou papel positivo e buscou outra coisa.

Pós-escrito

Em sua pressa de contradizer Federici, Dauvé também se contradiz, de modo que isso também poderia ter sido chamado de Dauvé vs. Dauvé:

De Federici vs. Marx:

O fato de o trabalho doméstico ser compartilhado igualmente (o que raramente acontece) ou de o marido tirar vantagem da esposa não muda nada na reprodução do capital. Os homens certamente "lucram" com as mulheres, mas isso não tem nada em comum com o lucro de uma empresa. **O trabalho doméstico não resulta em mais-valia**, não gera uma mercadoria vendida em um mercado.

De Capitalism vs. Communism (Capitalismo x Comunismo):

O proletariado, portanto, inclui os desempregados e muitas donas de casa, já que o capitalismo contrata e demite os primeiros e utiliza o trabalho das segundas para aumentar a massa total de valor extraído.

Qual deles é?